O 15 de Agosto há 50 anos visto por João B. Serra

O jovem João Bonifácio Serra era o jornalista, melhor, o repórter da ***Gazeta das Caldas*** de serviço no ano de 1965 para descrever a cidade no seu grande dia da Feira Anual do 15 de Agosto.
Para o leitor de 2015 esta reportagem mostra bem como tudo mudou em meio século, perdendo a cidade aquele que era o dia mais animado do ano e que só das redondezas, como o repórter bem anota, vinham dez mil pessoas nos autocarros da empresa Claras.
O tempo não volta para trás, mas a maioria dos caldenses, provavelmente todos aqueles que têm menos de 50 anos, não têm a noção de como a cidade vivia o dia da sua Feira Anual. Há cidades, como é o caso de Viseu, que mantiveram e acarinharam estes eventos. Os caldenses teimam envergonhadamente em mantê-lo, mas sem a visão de modernidade que podia e devia ter. **JLAS**

Reportagem à volta do 15 de Agosto

Quinze de Agosto. Quando a manhã despontou no horizonte baço, a cidade, sem saber como, encontrou-se de súbito povoada de pessoas girando dum lado para o outro, freneticamente.
O grande relógio da Câmara badalou dez horas e o tipo que, encostado à esquina, oferecia o rosto incaracterístico aos raios quentes deste sol estival, disse com certo azedume na voz:
-Que confusão!

O quinze de Agosto é essencialmente o dia dos forasteiros.
Efectivamente, logo pela manhã, a população rural caiu em peso na cidade – a pé, a cavalo, de camioneta, conforme puderam (eu, por exemplo, vim de boleia, que é o mais prático e económico).
Visitar a Feira (reunindo este ano um outro aliciante – o gado) é algo que lhes está na massa do sangue, sob a forma de necessidade inadiável, ou místico ritual a cumprir forçosamente.
Quanto aos turistas, esses vieram em excursões – a primeira chegou ao Largo do Hospital, seriam talvez umas 8 horas – mas alguns, especialmente estrangeiros, haviam cá pernoitado, para fazerem cedo as suas compras no mercado.
No fundo, porém, esta Feira entrou em tal ciclo vicioso de uniformidade de moldes que, sem sequer lá ter ido, eu descrevê-la-ia com todos os pormenores não temendo errar ou ostentar falsos conhecimentos.
É certo que nela existe, renovadamente, qualquer coisa que, embora já tradicional, adquire, para cada um de nós, um aspecto sempre novo – o carrocel, as farturas, os automóveis, os matraquinhos, etc. É isso que salva a Feira. Contudo cremos não ser nenhum contra-senso propor uma revisão nos seus quadros progressivamente gastos pelo tempo. A Feira precisa, urgentemente, de uma revitalizadora infusão de modernidade, nesta encruzilhada epocal em que o progresso é uma constante irrecusável.

Dirigi-me à Cândido dos Reis, dita Rua das Montras. Um mar de gente percorria-a, àquela hora, de alto a baixo, num desusado vai-vem.
Mas desusado não era só o movimento dos camponeses de fatos de domingo, sapatos cobertos de terra, cabelos lustrosamente penteados (os mais novos) ou protegidos com boinas (barretes não vi eu, nem um), os rostos alegretes, foliões.
Desusado era também a lavagem que ao pavimento se viu obrigado a fazer, de mangueira em punho, ele próprio, o proprietário de um estabelecimento na mencionada rua.
Atingi a Praça e anotei, com foros de sensacionalismo o mais ou menos perfeito policiamento ali montado. Em relação ao habitual, não esteve nada mau, não senhor!
Uns simpáticos (sem ironia) indivíduos que eu, por mais que procurasse, não consegui encontrar, foram os cauteleiros. Suspeito de duas causas para tal desaparecimento: ou tinham vendido todo o jogo ou estavam de férias.
A tourada figurou como cartaz fundamental deste quinze de Agosto no tocante à atracção turística (isto é: de turistas).
Um casal de franceses, com quem conversei, passava pelas Caldas, com a finalidade única de apreciar a Festa Brava. Segundo me confiaram, de momento, o seu problema máximo fora o da dormida pois não adregaram de obter vaga em Hotel da cidade. Só a alcançaram vejam bem, em Peniche, como localidade mais próxima.
Mais uma vez se confirmava a premente falta (tantas vezes proclamada e que não é novidade para ninguém) de um Hotel de 1ª classe, à altura das possibilidades e virtualidades turísticas da região, nas Caldas da Rainha.
Isso mesmo nos referiria a sra. D. Olívia Demétrio Silva, pessoa entendida, sobremaneira, nestes assuntos, dado que é funcionária dos serviços de turismo. Foi ela que, numa breve entrevista que me concedeu no Posto de Turismo, me elucidou sobre a afluência extraordinária de turistas estrangeiros e portugueses a que o quinze de Agosto dera azo.

3 ENTREVISTAS EM 3 MINUTOS

Eram três horas da tarde, quando retomei a minha série de entrevistas, à volta do quinze de Agosto.
A primeira que forcei a tentar perceber a ingrata missão do jornalista foi a contratadeira, sra. D. Maria Vitória.
-"Sim, o dia não foi mau de todo. Mas se quer que lhe diga, o de ontem ainda foi melhor. Hoje, sabe, vão todos para a feira e só os de fora compram alguma coisa. Especialmente peras e pêssegos. Olhe, isto é como lhe digo: em fruta sendo boa, sempre se vai vendendo".
Caminhei alguns metros e apanhei logo de seguida um "chauffeur" de táxi.
Era ele o sr. Virgílio Augusto.
- "Para os da nossa profissão , que o mesmo já não digo para o comércio, este ainda é um dos melhores dias do ano.
Não me refiro, é claro, aos trabalhos dentro da cidade, os quais nunca são muitos, está a compreender, mas sim àqueles que executamos para fora da cidade, para as freguesias rurais.
Quase sempre, neste dia, não nos chegamos a deitar. Depois da meia-noite é que o serviço aperta, por causa dos que vêm da Feira.
A nossa pena foi do quinze de Agosto ter calhado ao domingo. Há muita gente, só de passagem, atrapalhando o trânsito e dificultando-nos um pouco a vida".
Dei uma pequena volta. O vendedor de gravatas acabava de impingir uma a um campónio que a colocava sob os colarinhos defronte de uma vitrine.
Bem, eu resolvi engraxar os sapatos. Atendeu-me o sr. João Mendes que acabou por depor para o meu "carnet".
-"Não, este ainda não foi dos melhores dias para nós".
Eu aventurei: talvez uns cem trabalhos...
-"Qual quê? Nem cinquenta!... Há segundas-feiras em que se faz muito mais do que hoje".
E acrescentou, à laia de explicação:
-"Na Feira os sapatos sujam-se todos e ninguém vai mandá-los engraxar, para depois os meter naquela poeirada..."
O "Quinze de Agosto" é essencialmente o dia dos forasteiros. Prudentemente, os caldenses reservam para o dia seguinte a sua visita à Feira.
Este ano, porém, devido à coincidência com o domingo, saíram-lhe as contas furadas. A segunda-feira é dia de mercado e muitas famílias rurais aproveitam também esse dia de quase obrigatória vinda às Caldas, provocando outro enchente no recinto da Feira. Alguns mesmo deixaram de vir no próprio dia quinze, em favor do dezasseis.
Não deixou, contudo, este quinze de registar um dos maiores índices de visitas não só do concelho das Caldas, mas também provenientes dos concelhos limítrofes: Bombarral, Cadaval, Rio Maior, Peniche e Alcobaça. A Empresa Claras, em cujos escritórios fui amavelmente recebido, assegurou o transporte de, aproximadamente 10000 passageiros até à 1 hora da manhã do dia 16. 25 carros encontravam-se em serviço eventual, fazendo carreiras entre as Caldas e A-dos-Francos, Alfeizerão, Benedita, Bombarral, Cercal, Cidade, Foz do Arelho e Nazaré; Peniche Rio maior, Sta. Catarina e S. Gregório.

Gazeta das Caldas

BI-SEMANÁRIO
ÚNICO QUE SE PUBLICA NO DISTRITO

NÚMERO 1875 — Sábado 21 AGOSTO 1965

Fundadores: GUILHERME NOBRE COUTINHO e NUNO INFANTE DA CÂMARA ● Propriedade da EMPRESA GAZETA DAS CALDAS, LDA. — CALDAS DA RAINHA

Composição e Impressão: Tipografia «A GRÁFICA» Rio Maior | Editor interino: DR. SAUDADE E SILVA | Director interino: DR. CARLOS M. SAUDADE E SILVA | Chefe da Redacção: DOMINGOS DEL-RIO | Redacção e Administração: Rua do Montepio, 3-A e 3-B Telef. 22582 — Apartado 67

Cá se fazem... ...e cá se pagam!

por F. MARQUES PEREIRA

A dar crédito às notícias que vêm sendo difundidas por todo o mundo, como se observa pelos jornais portugueses e estrangeiros, o governo da União Indiana está a braços com alguns sérios focos de rebelião.
Os nacionalistas de Caxemira e os rebeldes do Estado indiano de Bihar demonstram a sua insatisfação hostilizando, com apreciáveis resultados, o governo central, causando baixas nas suas tropas regulares.
A famigerada União Indiana, que tão cobardemente se apoderou pela violência e pela força do ordeiro Estado da Índia Portuguesa, está recebendo a lição que justamente merecia pela sua desenfreada ambição.
Caxemira e Bihar são os exemplos bem demonstrativos da falta de coesão indispensável para a vitalidade dessa «União desunida» que atraiçoou as teorias do seu Ghandi recorrendo à violência para conseguir concretizar as suas injustas pretensões.
Informações isoladas dão a conhecer que as discórdias não se limitam apenas àquelas duas terras e que outros Estados da União Indiana repontam e desejam também a sua independência, por não concordarem com a política do referido governo central.
A fome, e, de um modo geral a miséria continuam a assolar as terras dos párias e dos adoradores de serpentes.
A civilização, o progresso, são palavras desconhecidas para os largos milhões de indianos que ainda hoje vivem em total diferenciação das muitas raças, religiões, dialectos e costumes que compõem esse povo forçadamente «unido»...
O descontentamento, reina por todo o lado e não será de admirar que quando se verificar a cisão do Paquistão — e a revolta de Caxemira parece prometê-la — tenhamos o princípio do fim, o desagregamento pela separação de vários Estados.
As Portuguesíssimas terras de Goa, Damão e Diu mantêm-se esperançadas no tremular em seus mastros da velha e gloriosa bandeira das quinas, seu emblema de mais de quatro séculos!
Também lá a opressão não goza de quaisquer simpatias e o domínio estranho só é consentido por força da lei do mais forte.
Só é de lamentar o sangue de tantos inocentes e heróis que os déspotas fizeram e fazem correr na vã tentativa de as manterem jungidas à canga opprobriosa do seu poder imperialista.
Contudo, esperemos!
Tenhamos fé!
Não desesperemos porque não desaparece assim tão fàcilmente, apesar das selvagens sangrias sofridas, a alma lusíada desses nobres portugueses da Índia!
O inimigo já começou a sentir que — CÁ SE FAZEM... CÁ SE PAGAM!!!

NA 3.ª FEIRA
segunda prova do nosso Concurso

Uma armadilha para os concorrentes: cuidado!

Continuamos a receber, dia a dia, postais dos nossos estimados assinantes destinados ao II Concurso Gazeta das Caldas.
Tudo decorre normalmente pois os concorrentes vêm observando as regras do certame.
Lembramos mais uma vez que o prazo para a recepção dos bilhetes postais com respostas para a primeira prova do concurso, termina na 3.ª feira, dia 24.
No dia 25, 4.ª feira, pelas 16 horas será feita ao acaso a escolha dos postais dos premiados. A este acto, que se realiza na sede deste jornal, e que é público, pode assistir quem quizer.
Também no dia 24, ou seja, no próximo número, publicaremos a gravura da 2.ª prova.
Uma advertência: foi preparada uma pequena armadilha aos concorrentes com o fim de despertar a curiosidade dos interessados no Concurso. Este, embora tenha por tema Monumentos de Lisboa, compreenderá gravuras representando monumentos que não se situam na capital! Como nós mantermos sempre o mesmo título («Monumentos de Lisboa») mesmo quando não se localizem na capital os monumentos representados o assinante terá de ter a cautela de indicar na resposta a localização — ou seja, o nome da povoação quando esta não seja Lisboa. Atenção, pois.

Noticiário

● DO ESTRANGEIRO

PEORIA, ESTADOS UNIDOS, 18 — «Os portugueses estão na África para ficar» — assinala o escritor e catedrático norte-americano Richard Pattee, em crónica publicada no «Register», de Peoria, no prosseguimento do relato da visita que fez a Moçambique.
«Mesmo que para isso tenham de defrontar o resto do continente africano ou até o resto do mundo — sublinha o prof. Pattee — os portugueses não sairão voluntàriamente.
«De resto — acrescenta — em Moçambique tal como em Angola, o volume dos investimentos portugueses em curso e o ritmo enérgico das iniciativas são um claro sintoma não só de que Portugal está a desenvolver grandemente esta sua província como de que não tenciona de modo algum abandoná-las.
Quanto aos actos de terrorismo que se registam no Norte de Moçambique, o prof. Richard Pattee não tem qualquer dúvida sobre a sua origem:
«Todo esse movimento tem os seus quartéis-generais na vizinha Tanzânia, em coja capital, Dar-es-Salam, os agentes de subversão da África Oriental trabalham intensamente. — (Ani).

(continua na pág. 4)

REPORTAGEM À VOLTA DO 15 DE AGOSTO

por JOÃO BONIFÁCIO SERRA

Quinze de Agosto. Quando a manhã despontou no horizonte baço, a cidade, sem saber como, encontrou-se de súbito povoada de pessoas girando dum lado para o outro, frenèticamente.
O grande relógio da Câmara badalou dez horas e o tipo que, encostado à esquina, oferecia o rosto incaracterístico aos raios quentes deste sol estival, disse com certo azedume na voz:
— Que confusão!

Apontamento

Na madrugada da passada quarta-feira (eram cerca de 2.30 da manhã), a cidade foi despertada pelo lancinante apelo da sirene dos Bombeiros locais.
Durante cerca de cinco minutos, o apelo fez-se ouvir, estridente como um angustioso grito de: Fogo!... Fogo!... Fogo!
Mal cessou o toque ingente da sirene da corporação, outros se fizeram ouvir — igualmente estridentes e angustiosos — os das sirenes das viaturas, acorrendo prontamente ao local do sinistro.
Quinze minutos depois e durante um período sensìvelmente igual ao primeiro, a sirene do Quartel faz-se ouvir de novo apelo lancinante, ingente, na quietude da noite!...
De novo e acto contínuo, sirenes de viaturas (mais viaturas, quais ventres prenhes de abnegação) se fazem ouvir!...
São 3 horas e 10 minutos da manhã.
No ambiente confortável do leito fofo e tépido, exteriorizamos este comentário:
— Grande exemplo este, o dos abnegados «soldados da paz»!...
Na verdade, este simples «acorrer ao apelo», este «responder à chamada», que a sua atitude representa, sem atender a situações de bem-estar, a conveniências pessoais ou a comodismos, no momento exacto em que é preciso agir (mesmo que durante a madrugada e a meio de um sono reparador e necessário) é, verdadeiramente, um extraordinário exemplo!
Nobre exemplo — que deveria ser seguido por outros (muitos) que, em diversas circunstâncias, são igualmente responsáveis — mesmo que voluntàriamente, também — por outros acontecimentos!...
No ambiente confortável do fofo e tépido leito, deixamo-nos adormecer.
Quando acordamos, depois de um sono tranquilo, daqueles (desconhecidos, sempre) que, chamados a dever voluntário, para tàrias...

NOTAS
BESTAS HUMANAS!
por MARCUS

Aquele caso da criança de 12 anos feita animal de carga a os jornais fizeram referên da que pareça impos reu no Porto como sucede ainda e noutros locais

Homem »
promovida

Cerca das 17:30 horas começou a Tourada. Eu... bem... eu fui à Feira... E aqui terminei a minha reportagem... **J.B.S.**